

OLHARES PARA UMA CIDADE CONFLITUOSA: FOTOGRAFIAS DE LETIZIA BATTAGLIA EM PALERMO¹

CLOSES TO A CONFLICTUOUS CITY: LETIZIA BATTAGLIA'S PHOTOS IN PALERMO

Maria Clara Lysakowski Hallal
Doutoranda História/ UFPEL
clarahallal@hotmail.com

RESUMO

A fotografia pode ser considerada arte em diversos aspectos, mas, principalmente quando capta um gesto e momento ou quando transmite uma situação que pode nunca mais voltar. A partir desse entendimento, o trabalho pretende analisar as fotografias de Letizia Battaglia, fotógrafa italiana que fotografou diversas cidades de seu país, mas, foi em Palermo nos anos 1970-1980 que concentrou sua produção fotográfica, visto que se tornou responsável em tal cidade pela parte fotográfica do periódico *L'Ora*. Na Palermo daqueles anos ocorria um sistema corrupto baseado no chamado "Saque de Palermo", pacto entre política e a máfia que controlava a cidade. Diante disso, a fotógrafa registrou os conflitos daquele território, porém, também retratou mulheres e crianças nos bairros de uma cidade que conservava resquícios da Segunda Guerra Mundial. Diante disso, o trabalho irá analisar as fotografias de Battaglia em que aparecem os personagens dessa cidade. Entende-se que por meio dessas imagens, será possível analisar como a documentação visual é importante para entender o papel da mulher na fotografia, especialmente, como agente produtora das imagens e como seu olhar representou esses indivíduos de uma cidade em tão intenso período conflituoso, transformando, a dor e a miséria em arte, ao retratar momentos tão peculiares da vida desses habitantes.

Palavras-chave: Letizia Battaglia. arte fotográfica. Palermo.

ABSTRACT

Photography can be considered art in many aspects specially when it enclosures a gesture a moment or when it presents a never coming back situation. Moving on from this understanding this paper intends to analyse Letizia Battaglia's photos, Italian photographer who shot in several cities in Italy but specially in Palermo, in the years of 1970-80 that concentrated its work. Where she became responsible for the photography in *L'Ora's* paper. Palermo in those times where known to function in a system called "Saque de Palermo", which consists in a pact between politics and mafia that controls the city. So the photographer had the local conflicts registered as women and children in its neighbourhoods in a city that had many remnants from the WWII. This paper pretends to analyse the Battaglia's photos in which these local characters presents themselves. I understand that trough theses images it will be possible to analyse how this visual documentation is important to understand the women's role in photography specially as being the images producer and how her look over those locals where represented in such a conflictuous time, transforming pain, misery in art, when portraying citizens in such peculiar moments of their existence.

Keywords: Letizia Battaglia; photographic art; Palermo

¹ "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

Introdução

As fotografias de Letizia Battaglia, especialmente das décadas de 1970 e 1980, representam um período peculiar da história italiana, especialmente da cidade de Palermo. Em tal período houve a denominada “Segunda Guerra da Máfia”, foi um conflito de larga escala dentro da própria Máfia, tendo a Casa Nostra como principal precursor², pelo controle dos territórios e que ocasionou vários assassinatos de políticos, procuradores, magistrados, além de próprios integrantes do sistema corrupto. Nesse contexto, a fotógrafa foi a primeira repórter da Itália a registrar visualmente essa situação, mas, também, os personagens “comuns” que viviam nessa cidade, em meio a todos esses problemas.

A fotógrafa nasceu em 1935 na própria Palermo, e começou a fotografar aos 36 anos, quando já tinha filhos e marido, com quem se casara aos 16 anos. Em 1971, separou-se do marido e mudou-se para Milão, onde passou a fotografar para alguns periódicos. Em 1974 retorna a Palermo para trabalhar como editora de fotografia no jornal *L’Ora*, com viés de esquerda e que tinha como premissa denunciar o sistema da máfia que ocasionava degradação e corrupção na cidade. Ainda, na época havia, segundo Falconi (2019, p.84) “um pacto entre política e máfia, nascido no imediato pós-guerra, que foi se consolidando desde os anos 1950. A cidade estava sob controle, eles que decidiam tudo: licitações, acordos, divisões de poder (...)”.

As imagens de Battaglia eram de denúncia e observação das vidas que ocorriam na cidade de Palermo, era testemunha ocular de uma história que pode ser analisada por meio das fotografias. Diante disso, aponta-se como objetivo principal desse trabalho estabelecer por meio de seis imagens oriundas do repertório visual da fotógrafa, como situações peculiares da cidade, a maioria oriundas da máfia, foram apresentadas nas imagens.

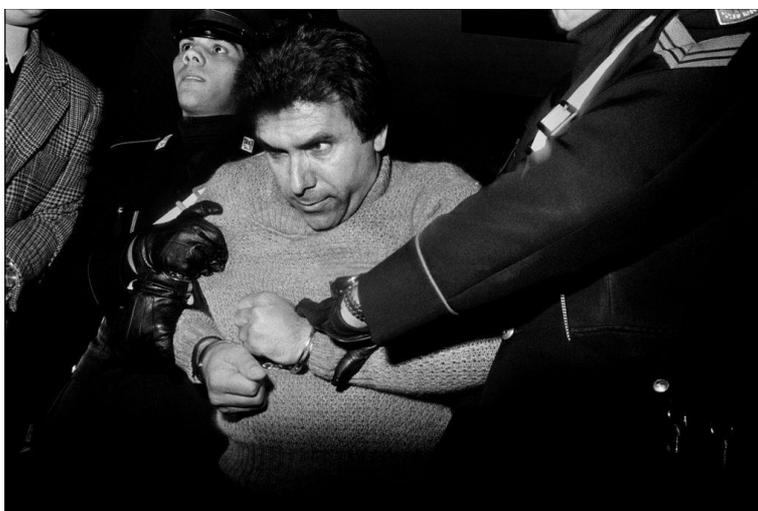
Para analisar as fotografias, será enfatizado um princípio balizador apresentado por Franks Ankersmit, historiador e filósofo, que dedicou seus estudos a analisar o conceito de representação. A esse respeito o autor afirma:

The representation forms a great deal of our quotidian reality. In this sense, an esthetics is an integral part of our daily life. Without representation we would have

² A Máfia originou-se ainda no século XIX. A Casa Nostra foi originada na Sicília no século XIX, baseada em clãs familiares arranjados geograficamente cujas operações se dão por um código de silêncio. Após a Segunda Guerra Mundial fica mais conhecida, tornando-se a principal exportadora de heroína no mundo. Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/fotojornalista-italiana-registra-os-horrores-da-mafia-da-sicilia.shtml>> acesso: 20/10/2019

no represented and that would mean the loss of a great part of our world and our grasp of it (ANKERSMIT, 2001, p. 80) ³

Dessa forma, pode-se dizer que a representação dá acesso a algo que, aparentemente, não estava lá. Ao analisar as fontes sob o prisma da representação, tem-se além da representação da verdade; obtém-se a personalidade do período com o qual se lida. Por exemplo, a situação social dos habitantes de Palermo, a insurgência da máfia, violência e falta de políticas sociais no cotidiano dos cidadãos dos bairros mais populares, e também o contraste com a riqueza de alguns personagens da urbe. A partir disso, apresenta-se a primeira fotografia:



Fotografia 1: Letizia Battaglia, A prisão do feroz chefe mafioso Leoluca Bagarella, Palermo, 1979.
Acervo: Instituto Moreira Salles.

Esta imagem apresenta o momento da prisão do chefe do clã Corleonesi, uma das famílias da aristocracia da máfia dos anos 1980. Conforme a própria Letizia afirmou em uma entrevista a revista Piauí⁴, ela estava próxima da cena da prisão e ficou tão próxima do preso que ele lhe desferiu um pontapé; tendo a fotógrafa caído para trás.

Observa-se na fotografia que é como se a cabeça e o tronco de Bagarella pressionassem a imagem, e também como se o preso e o policial tivessem lutando. Esse estava usando da força para conter o detido. A partir dessa fotografia, pode-se observar que a fotógrafa mesmo tendo sofrido violência por parte do preso, não desistiu de seu papel naquele

³ A representação forma muito da nossa realidade cotidiana. Nesse sentido, a estética é parte integrante de nossa vida cotidiana. Sem representação, não teríamos representado e isso significaria a perda de grande parte do nosso mundo e a nossa compreensão dele (tradução da autora).

⁴ <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/guerra-civil-em-palermo/>> acesso: 24/10/2019

momento, de fotografar e denunciar o prisioneiro. Pois, a partir do momento em que ela consegue, de certa forma, dar uma imagem a máfia e as pessoas envolvidas nesse processo, torna-se mais fácil até mesmo tentar denunciar de forma mais sistemática esta situação.

Diante disso, entende-se que a fotografia sempre é resultante do autor (fotógrafa), texto visual e um leitor. Essa tríade é que sustentará a imagem. A respeito disso, Mauad afirma que:

[...] a fotografia resulta de um jogo de expressão e conteúdo que reúne necessariamente três componentes: o autor, o texto visual propriamente dito e um leitor. Cada um desses três elementos participa do resultado final, considerando-se que toda produção cultural envolve um locus e um produtor, que manipula técnicas e é detentor de um saber-fazer próprio àquela atividade; um leitor ou receptor, identificado como um sujeito transindividual, cujas respostas estão diretamente relacionadas às programações sociais de comportamento próprias à situação histórica na qual estão inseridas; e, finalmente, um sentido aceito socialmente como válido, resultante do processo de semiose social (MAUAD, 2008, p.38).

Esses três componentes é que ajudam a sustentar a produção imagética: o produtor irá fabricar a imagem, e é através do seu olhar que se verá uma determinada realidade; o leitor, que, a partir da realidade apresentada, poderá tirar suas conclusões; e, por fim, um sentido, que seja aceito e válido, para assim o processo ser completo.

A fotógrafa, produtora dessas imagens, desempenha papel preponderante no processo de obtenção das fotografias. Nessa perspectiva, Burke (2004, p.24) sustenta que: “Seria imprudente atribuir a essas artistas fotógrafas um ‘olhar inocente’ no sentido de um olhar que fosse totalmente objetivo, livre de expectativas ou preconceitos de qualquer tipo [...]”.

Acredita-se que Letizia Battaglia não é desprovida de seu olhar de mundo, de suas vivências e expectativas. Nesse sentido, José de Souza Martins (2011, p.20), declara: “a imagem, em cada época, educa a visão e os olhos. A imagem produzida pelo homem diz ao homem, em cada época, quem o homem é”. Ainda que a fotografia seja derivada de encomenda ou para determinada reportagem, a fotógrafa, possivelmente, teve variadas opções a respeito da imagem: ângulo, iluminação e personagens envolvidos.

Por sua posição como mulher, Battaglia pode ter tido um olhar apurado e sensível para as questões da cidade, principalmente no que tange as dificuldades dos seus habitantes. Em relação a essa questão, Butler (1990) afirma que os sentidos construídos sobre os gênero femininos e masculinos, isto é, homens e mulheres, devem ser analisados em forma de perguntas e não em categorias fixas. Desse modo, a autora entende que o sexo é culturalmente construído e que “it becomes impossible to separate "gender" from the political and cultural

intersections in which it is produced and sustained”⁵ (BUTLER, 1990, p.134) Percebe-se que mais do que ser mulher, a questão é os sentidos que são produzidos. Como no caso da Letizia Battaglia, a fotografia foi um dispositivo envolto por uma teia de relações e possibilidades; seu gênero, história de vida e sua rede de sentidos, seja o jornal que trabalhava ou as suas construções imagéticas que, possivelmente, iam se modificando conforme aumentava o seu repertório fotográfico, devem ser levados em consideração.

Diante disso, observa-se as imagens 2,3 e 4 em que Letizia Battaglia ainda que não estivesse fotografando a máfia e situações diretas derivadas dessa, optou por fotografar as crianças e sua vulnerabilidade.



Fotografia 2: Letizia Battaglia, Criança brincam no dia de finados com presentes dos pais, Palermo, 1986.
Acervo: Instituto Moreira Salles.

A fotografia remete a festa do dia 1º de novembro, festa dos mortos. Havia uma tradição na Sicília, especialmente nos bairros populares, das famílias presentear os meninos com armas de brinquedo. Ao mesmo tempo que armas estão presentes na imagem, a doçura da criança com o dedo na boca ou o estranhamento do outro garoto à esquerda, para com a fotógrafa, indicam essa oposição de sentimentos na imagem.

Ao mesmo tempo em que existia a violência no cotidiano dessas crianças, com a presença de armas de brinquedo e, possivelmente, tinham contato com os assassinatos que a máfia executava à luz do dia, também não perdiam seus sentimentos e inocência infantis. Entende-se, assim, que Battaglia utilizava da fotografia para transpor todas essas situações. Em relação ao uso da câmera e a lente para transmitir além do que está aparentemente visível, Martins (2011) entende que a câmera e a lente permitem ver o que talvez, por outros meios,

5 “Torna-se impossível separar “gênero” das intersecções políticas e culturais nas quais é produzido e sustentado” (tradução da autora).

não possa ser observado. A fotografia não é o melhor retrato da sociedade, mas sim uma representação social e fragmentaria, que nada mais é do que o próprio modo de ser da sociedade. Assim, essas imagens são um fragmento de um instante vivido e perpetuado pela fotógrafa, incluindo seus sentimentos e sua relação intrínseca com a cidade que morava.

Acredita-se que Battaglia utilizava suas imagens para representar, através da visualidade, seu cotidiano e o que estava presenciando em seu entorno, como na próxima fotografia, onde tem-se uma criança em meio a um cenário de descaso social.



Fotografia 3: Letizia Battaglia, Menina com o pão, Bairro Kalsa, Palermo, 1970.
Acervo: Instituto Moreira Salles

A menina da imagem aparenta um descuido no seu cabelo despenteado e a rua em seu entorno também com essa aparência de escassez de cuidados. Vê-se uma inocência no olhar da garota, comendo seu pão ingenuamente. Ainda, seu olhar está posicionado como se fosse invadir o espaço da câmera, como se ao continuar caminhando, entraria para dentro do dispositivo, dando sensação de continuidade a imagem. Para obter essas análises além da superfície, Luciene Lehmkuhl afirma que é necessário olhar com atenção a fotografia e “[...] não simplesmente ver, as imagens adquirem um aspecto diferente, detalhes se tornam visíveis, gradações de cor, de forma, de elementos podem ser identificadas até mesmo pelo mais leigo dos observadores (LEHMKUHL, 2010, p.61).

Para poder narrar uma história, neste caso, a menina em torno da pobreza e inocência, é preciso estar onde a cena ocorre. Por isso, Letizia estava sempre em contato com o assunto a

ser representado. A respeito dos sentidos que as imagens provocam, Knauss (KNAUSS, 1985, p.93) salienta que: “além de discursivas, as imagens possuem outras dimensões, estéticas, políticas e emotivas, que se definem em rede, pela posição relacional do produtor e da obra em determinado contexto cultural”. Portanto, a fotógrafa por estar inserida naquele contexto, de ter nascido e ser moradora da cidade e trabalhar para um jornal com viés de esquerda e que era contra a máfia e suas sujeições à cidade, ainda que não estivesse fotografando a violência propriamente dita, registrava o cotidiano e a poética da urbe em meio a ruínas e miséria. Ainda no tema crianças, tem-se a próxima fotografia:



Fotografia 4: Letizia Battaglia, menina com a bola, Bairro La Cala, Palermo, 1980.
Acervo: Instituto Moreira Salles.

Essa imagem, possivelmente, é a mais representativa do seu corpus fotográfico. Letizia se encontrou com essa menina por acaso em um bairro popular de Palermo e a fotografia foi publicada em vários jornais pelo mundo. A imprensa durante um longo tempo tentou procurar a menina, até que por meio de um programa televisivo na Itália, a mesma apareceu.

Por meio da imagem, pode-se observar que a fotógrafa e a fotografada estavam próximas, e entende-se que em atos fotográficos assim, há uma troca empática entre ambas. Também, observa-se uma potência no olhar da menina, encarando firmemente a fotógrafa. Ao

mesmo tempo que se vê um corpo miúdo e roupas simples, possivelmente deflagrado pela pobreza da cidade, também, se nota a elegância da garota.

Ainda, em uma das mãos a fotografada tem uma nota de dinheiro, na outra, a bola de futebol, e tudo isso composto por um cenário com uma porta arranhada e descuidada ao fundo. Em uma mesma composição, situações de pobreza, necessidade e o desafio no olhar da menina, como se estivesse encarando a fotógrafa e assumindo sua posição e vontade de lutar contra todo esse sistema deflagrado pelas condições precárias de subsistência.

Aproximadamente seis anos após essa imagem, Battaglia recebeu o prêmio Eugene Smith⁶ e como a profissional afirmou, “Foi a virada. Entendi que deveria fazer mais. Não bastava apenas fotografar” (FALCONI, 2019, p.110). Decidiu-se filiar ao Partido verde, tornou-se conselheira municipal, uniu-se a pessoas que lutavam contra a máfia local e tornou-se funcionária pública de Palermo. Pode, dessa forma, durante quatro anos auxiliar os menos favorecidos, trabalhar pelas mulheres e crianças.

No ano de 1992, ocorreram grandes massacres, a maioria derivados novamente da máfia, assassinatos de juízes, agentes e até um padre, que queria educar os jovens. Battaglia, afirma que não fotografou, se juntou às passeatas contra a Máfia. Após um período de desilusões, refugiou-se em Paris, onde continuava fotografando, mas temas mais “amenos” e, há alguns anos, voltou a Palermo (SALVIO, 2014).

Compreende-se que a fotógrafa é a mediadora cultural desse momento do ato fotográfico, transformando suas próprias vivências em imagem visual. Por meio da fotografia, constitui-se o espaço público e estabelece-se uma comunidade de sentidos que fornecem apoio ao seu registro visual. A próxima imagem apresenta um contraste entre o abismo social existente na cidade de Palermo nas décadas de 1970-1980:

⁶ A concessão de W. Eugene Smith em Fotografia Humanística é apresentada anualmente a um fotógrafo, a julgar por um painel de especialistas. Segue a tradição da fotografia preocupada de W. Eugene Smith e a compaixão dedicada evidenciada durante seus 45 anos de carreira como ensaísta fotográfica. Este subsídio foi criado para ajudar um fotógrafo a iniciar um projeto fotográfico ou a concluir um projeto fotográfico em andamento (<https://www.smithfund.org/eugene-smith-grant>) Acesso: 24/10/2019



Fotografia 5: Letizia Battaglia, O Baile, Festa de Ano Novo na Villa Airoidi, Palermo, 1985.
Acervo: Instituto Moreira Salles.

A fotografia apresenta uma mulher em um baile de fim de ano e pode-se observar a riqueza, joias e alegria presentes no momento do ato fotográfico. Ainda, é notório um desfoque nos personagens secundários retratados, indicando que as atenções sejam voltadas para a personagem principal; ela que era importante, que estava feliz.

Letizia Battaglia pode ter obtido a imagem com esse propósito mesmo, indicando que enquanto a personagem fotografada exibia felicidade, riqueza e possuía um olhar altivo, ao seu redor o mundo era outro; era desfocado, cruel, onde a miséria era constante. Por isso, é sempre necessário analisar o contexto de produção fotográfico, como o caso de Battaglia ter obtido essas fotografias enquanto trabalhava para um jornal com viés de esquerda, com posição política bem demarcada e com críticas consistentes ao sistema da máfia que dominava Palermo nesse período.

Nessa intencionalidade de analisar a perspectiva do obtentor das imagens, Susan Sontag (2004, p.17) esclarece que os fotógrafos, ao decidirem o feitiço da imagem, seja encomendada ou não, “[...] sempre impõem padrões a seus temas. Embora, em certo sentido, a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a intérprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos”.

Em todo o seu repertório imagético do período 1970-1980, as fotografias de Battaglia são preto e branco, evidenciando a máfia, assassinatos, miséria, mas, também, a beleza e

poesia de forma crua, sob a configuração de crianças ou o contraste entre o infortúnio do lado de fora dos salões, e a riqueza e felicidade dentro dos bailes.

Considerações Finais

Analisar as fotografias de Letizia Battaglia é também olhar para a cidade de Palermo (Itália) e para os acontecimentos dos anos 1970/1980, no que se refere a máfia e as mazelas dos habitantes da cidade. Ainda, entende-se que o seu gênero feminino pode ter tido participação na escolha das imagens, pela sensibilidade e contrastes retratados.

Observando a própria história de vida da fotógrafa já se nota uma transgressão, aos 36 anos e com dois filhos, resolve se separar e mudar-se de cidade. Voltando para Palermo em 1974, é convidada para trabalhar no periódico *L'Ora*, com viés de esquerda e que denunciava a máfia e as suas consequências.

Battaglia nesse cenário começa a fotografar as mortes/assassinatos oriundos das atividades da máfia, também a prisão de mafiosos, como o caso do chefe mafioso Bagarella e os habitantes dessa cidade, sejam crianças brincando em meio a violência, como na foto do menino com a arma, ou a menina brincando com a bola em meio a um cenário de dificuldades. Ainda, fotografou a criança com o saco de pão, demonstrando beleza e poesia em contraste com a rua descuidada. Também, na última fotografia existe a presença da riqueza e o despreendimento dos problemas da cidade, onde a fotografada aproveitava a festa de ano novo, com altivez, demonstrando suas joias, com as atenções voltadas para si.

Por meio de sua máquina fotográfica, Letizia Battaglia foi testemunha ocular de um período tão peculiar e sensível da história da cidade de Palermo, na Itália. Entende-se que sua tomada de consciência, aparentemente, crescia conforme ia fotografando e narrando visualmente os fatos do local.

REFERÊNCIAS

Fontes Consultadas

BATTAGLIA, Letizia. **O Baile**, Festa de Ano Novo na Villa Airoidi, Palermo, 1985. Acervo: Instituto Moreira Salles.

BATTAGLIA, Letizia. **Menina com a bola**, Bairro La Cala, Palermo, 1980. Acervo: Instituto Moreira Salles.

BATTAGLIA, Letizia. **Menina com o pão**, Bairro Kalsa, Palermo, 1970. Acervo: Instituto Moreira Salles

BATTAGLIA, Letizia. **Criança brincam no dia de finados com presentes dos pais**, Palermo, 1986. Acervo: Instituto Moreira Salles.

BATTAGLIA, Letizia. **A prisão do feroz chefe mafioso Leoluca Bagarella**, Palermo, 1979. Acervo: Instituto Moreira Salles.

Livros

ANKERSMIT, F. R. **Historical representation**. Stanford: Stanford University, 2001.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo:EDUSC, 2004.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. Feminism and the Subversion of Identity. Routledge, New York, 1990

FALCONE, Paolo (Org). **Letizia Battaglia**: Palermo. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2019.

KNAUSS, Paulo. A escultura no campo ampliado. In: **Gávea**, nº1, Rio de Janeiro, 1985.

LEHMKUHL, Luciene. Fazer história com imagens. In: PARANHOS, Kátia; LEHMKUHL, Luciene e PARANHOS, Alberto (orgs.) **História e Imagens** – texto visuais e práticas de leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MARTINS, José de Souza Martins. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MAUD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 33-34 50, jan.-jun. 2008.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Revistas ou Periódicos

SALVIO, P. M. Reconstructing memory through the archives: public pedagogy, citizenship and Letizia Battaglia's photographic record of mafia violence. **Pedagogy, Culture & Society**, 22(1), 97 – 116, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/263685648_Reconstructing_memory_through_the_archives_public_pedagogy_citizenship_and_Letizia_Battaglia's_photographic_record_of_mafia_violence> Acesso: 18/10/2019

Sites

Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/fotojornalista-italiana-registra-os-horrores-da-mafia-da-sicilia.shtml>> acesso: 20/10/2019

Fundação Eugene Smith <<https://www.smithfund.org/eugene-smith-grant>>. Acesso: 24/10/2019

Revista Piaui. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/guerra-civil-em-palermo/>> acesso: 24/10/2019